

A TÔNICA EPISTEMO-METODOLÓGICA DA(S) GEOGRAFIA(S) DOS CLÁSSICOS

Bernard Teixeira Coutinho¹

plumuarte@hotmail.com

Resumo: Nosso propósito, neste artigo, é analisar a importância e representação que a categoria espaço geográfico teve nos estudos da(s) Geografia(s) dos Clássicos (ou na Geografia Tradicional, como muitos autores costumam definir). Para tanto, procuramos destacar os estudos corológicos e corográficos apropriados por muitos geógrafos na época moderna, perpassando a discussão pelo filósofo alemão Immanuel Kant, responsável pela introdução do espaço geográfico nos estudos da ciência geográfica.

Palavras-chave: Geografia. Epistemologia Espaço geográfico.

LA TÓNICA EPISTEMO-METODOLÓGICA DA(S) GEOGRAFÍA(S) DE LOS CLÁSICOS

Resumen: Nuestro propósito, en este trabajo, es analizar la importancia y representación que la categoría espacio geográfico tuvo en los estudios de la(s) geografía(s) de los clásicos (o en la Geografía Tradicional, como muchos autores acostumbraron definir). Con este fin, se destacan los estudios corológicos e corográficos adecuados por muchos geógrafos en la época moderna, pasando la discusión por él filósofo alemán Immanuel Kant, responsable por la introducción del espacio en los estudios de la ciencia geográfica.

Palabras-clave: Geografía. Epistemología. Espacio geográfico.

Introdução

O espaço geográfico é aquele cujo arcabouço de existência está relacionado à geograficidade do homem-no-mundo. O homem é para o espaço geográfico a sua condição de existência e permanência (estabilidade-mobilidade), pois sem ele não haveria uma corrente histórica do homem para pôr em curso as suas possibilidades

¹ Graduando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Território da UERJ.

espaciais. Em *O espaço geográfico: algumas considerações*, Roberto Lobato Corrêa ressalta que o espaço geográfico é "a superfície da terra, profundamente diferenciada por processos naturais" (1988, p. 25). Estes mesmos processos não seriam reconhecidos e, por conseguinte, diferenciados sem as observações do homem. Se o homem está no mundo ele é espacial, portanto, habita um lugar na medida em que o reconhece e o compreende. Daí Corrêa (1988) tratar o espaço geográfico como o *espaço-morada*, "potencial ou de fato, do homem, sem o qual tal espaço não poderia sequer ser pensado" (p. 25).

Os processos naturais têm a sua própria história, uma história natural, aquela que o homem ainda não conhece e que nela não se inscreve. E assim como os processos naturais, o homem também inaugura a sua história, a história do homem, por onde o "arranjo do espaço geográfico exprime o 'modo de socialização' da natureza" (MOREIRA, 1988, p. 35). O que Ruy Moreira chama de modo de socialização é a maneira como o homem, através do trabalho social, concebe uma segunda natureza. É num processo dialético que se dá esta estrutura espacial, de modo que há, ao mesmo tempo, a negação da *forma-natureza* pela *forma-sociedade* e o reconhecimento desta pela primeira natureza. Esta orientação de pensamento pretende pensar o espaço geográfico como um emaranhado de relações entre o *espaço físico* e o *espaço social*, ou seja, uma estrutura que se constrói a partir da unidade sociedade-natureza.

Desejamos apresentar, a seguir, um quadro geral das principais matrizes de pensamento geográfico e seus respectivos métodos e objetos de estudo para, a partir disso, apontarmos não a ausência, mas o incipiente debate sobre a categoria "espaço geográfico" nas Geografias Moderna e Clássica.

A Geografia Moderna: as primeiras matrizes do pensamento geográfico

O período que começa, no final do século XIX, é o período de uma nova fase. A fase de uma geografia marcada pelo antagonismo da necessidade de fragmentar-se para estar em dia com a contemporaneidade do pensamento e da necessidade de recuperar a integralidade da visão de mundo que tinha antes. Está nascendo a Geografia clássica (MOREIRA, 2010, p. 16).

No início da institucionalização da Geografia, na passagem do século XVIII para o XIX, os geógrafos apresentavam não um pensamento único, mas hegemônico de como deveria ser a mais nova ciência moderna. Isso porque as matrizes geográficas apontavam para dois projetos de ciência: o primeiro, tornando a Geografia uma ciência dos lugares; o segundo, tornando-a uma ciência dos homens. Conforme lembrou Milton Santos (1988), duas tendências foram conhecidas, mas a que recebeu maior notoriedade foi aquela em que buscava compreender o *espaço físico* em detrimento do *espaço social*, tratando de negligenciar a dialética entre sociedade e natureza.

O caminho trilhado pelos primeiros geógrafos foi rumando para os estudos das diferenciações dos lugares, a partir da percepção dos fenômenos naturais dados na superfície terrestre, como se a história do homem fosse um dado apartado do arranjo espacial que, *a posteriori*, seria lembrado e incorporado pelos geógrafos. A Geografia, deste modo, começava a se constituir como uma ciência dos lugares, conforme destacado pelo então historiador da informação, o francês Paul Vidal de La Blache, em *Des caracteres distinctifs de la Geographie* (1913).

A Geografia passa então a incorporar a descrição como um método capaz de apreender os estudos corográficos. A corografia não era uma novidade, nem mesmo propriedade dos geógrafos, pois alguns gregos já se preocupavam em descrever a Terra, bem como Anaximandro, Hecateu, Hipócrates, Eratóstenes, Aristóteles, Tales, Heródoto e Pitágoras que, inclusive, criou o termo ecúmeno (*oekumeno*), “para designar a parte da Terra habitada pelo homem. Termo este, ainda hoje, amplamente difundido nas histórias do pensamento geográfico” (LEAL, 2010, p. 19).

O quadro do pensamento geográfico, neste momento, teve como influência os principais pensadores gregos, os romanos e os árabes. Mas o ponto de partida para a sistematização da Geografia foi resgatar todo o desenvolvimento lógico-matemático, os estudos cosmográficos e a ideia da diferenciação-comparação espacial. De Estrabão, herdaram o método da diferenciação dos lugares e de Ptolomeu (sob influência de Aristóteles e Pitágoras), a cosmografia (a partir de visão totalitária de mundo) e o

método dedutivo-matemático. Daí Leal (2010) afirmar que “muitos autores nessa época, inspirados em Ptolomeu, fragmentaram esses estudos em cosmológicos, geográficos e corográficos” (p. 21). A respeito de Estrabão, Paul Claval argumenta que:

Estrabão (58 a.C., entre 21 e 25 d.C.) tem a ambição de apresentar o conjunto do ecúmeno, o mundo habitado. A falta de instrumentos intelectuais não lhe permite ir muito longe na exploração das situações e na avaliação das vantagens comparadas, que asseguram uma ou outra localidade, um ou outro país (2011, p. 147).

A Geografia que se desenvolveu na Antiguidade clássica não pôde avançar substancialmente nas análises das *situações*, mesmo com os esforços de Estrabão e, posteriormente, Ptolomeu. Os recursos para tal impulso não estavam disponíveis, assim como os meios necessários para a ampla apreensão do espaço. Portanto, os interesses pelas análises da situação não eram inexistentes nos estudos dos gregos, mas eram pouco sofisticados.

Lembramos que *situação* é um conceito que sugere ao geógrafo um caminho de percepção do espaço, em alcance escalar específico. *Situação* é a essência de um dado espaço, o seu ponto máximo de caracterização, cujo andamento se dá pela interação com outros espaços, diferentemente do conceito *sítio*, que possui uma amplitude escalar menor e que se preocupa em entender outras particularidades do espaço. Não é interesse nosso abrir uma discussão sobre a utilização da *situação* pelos geógrafos, mas devemos ressaltar que este conceito se desenvolveu e passou por estudos de grandes geógrafos clássicos, como os de Ritter e Vidal de La Blache. Sobre esta afirmação, Paul Claval (2011) nos diz que...

No decorrer do século XIX, autores como Ritter ou Vidal de La Blache falam repetidamente de posição, mas empregam apenas o termo de situação. Ao ler seus textos, percebe-se que a análise de posição que propõem comporta duas vertentes: 1) insiste primeiro na latitude do lugar ou o país estudado; trata-se da posição absoluta; é ela que determina os traços essenciais do clima; fazer análise de posição, neste sentido, é inclinar-se sobre as relações que existem

num lugar entre os diferentes elementos do meio, e lembrar que dependem de um fator global essencial, a distância do Equador; 2) ela aborda em seguida a posição relativa, ou seja, a disposição dos lugares e dos países uns em relação aos outros e as relações que estabelecem entre si. Quando se fala hoje de situação, objetiva-se sempre esses dois aspectos, mas colocando a tônica sobre o segundo (p. 144).

Cabe resgatar o esforço de Bernard Varenius, que pretendeu pensar o geral e o particular para entender a superfície terrestre. Com resquícios estruturais do cartesianismo em seus estudos, Varenius no século XVII dedicou-se ao método dedutivo e guiou o seu pensamento considerando o geral ou o Universal como regra para pensar as propriedades gerais da Terra; e o especial, particular ou regional, como projeção diferenciada, direcionada ao estudo da formação de cada região da Terra, apontando sempre para a sua corografia (média escala) e topografia (grande escala). Todos esses fundamentais para se entender os fenômenos terrestres, funcionando como duas vertentes complementares.

Lembra-nos Claval (2011) que Varenius foi o primeiro geógrafo a romper com uma tradição protagonizada pelos geógrafos renascentistas, influenciados pelo pensamento de Ptolomeu. As categorias de Varenius serviram de respaldo aos geógrafos do século XVIII, em especial os alemães, dando a eles um olhar diferente sobre a Terra e sua descrição, a partir dos novos reclamos advindos dos estudos regionais ou dos chamados *conjuntos regionais*.

Varenius adotou em seus estudos a concepção heliocêntrica de Copérnico, o que configurou uma verdadeira revolução nos conhecimentos relativos ao espaço e ao tempo. Uma postura objetiva assumida por Copérnico que, mais tarde teve em Giordano Bruno uma continuidade e uma legitimidade em Galileu Galilei. Varenius tinha como princípio analítico a delimitação de um ponto de observação, dito de outra forma, um arranjo espacial que passaria a ser estudada numa trama relacional entre os seus próprios limites e o seu entorno, tudo isso em média escala. Claval (2011) destaca que o “sistema de Varenius coloca a tônica sobre o global” (p. 149).

A Geografia Moderna se consolidou, na passagem do século XVIII para o XIX, a partir da presença e atuação dos geógrafos alemães Alexander Von Humboldt, Karl Ritter e Immanuel Kant. Humboldt organiza uma Geografia Geral, ao levar o seu pensamento para além da superfície terrestre, a partir dos estudos do cosmos pelo método conhecido como *empirismo raciocinado*. Ele foi um prussiano naturalista, geólogo e botânico, viajante e observador da natureza e de suas estruturas múltiplas, dos fenômenos físicos e naturais, com os equipamentos disponíveis em sua época. A intuição, a partir da impressão primeira da paisagem, era levada pela observação dessas estruturas e processada pelo raciocínio lógico, daí o método ser denominado *empirismo raciocinado* (MORAES, 2007).

Para Humboldt, o todo era o cosmos e a Geografia era a parte terrestre dessa totalidade. Deste modo, cabia à Geografia a síntese dos fenômenos terrestres ou ditos físicos e naturais. Ele não entendia o espaço geográfico como o espaço do homem, pois não o incluía em aferições.

Ritter, por sua vez, em sua tentativa de formatar uma Geografia Regional (em seu projeto da construção de uma Geografia Comparada), se debruçou sobre a integração do homem aos estudos da natureza, ultrapassando as limitações da pura observação e do puro método intuitivo. É ele o responsável pelo avanço e transformação do que estava sendo desenvolvido por Kant, nesse sentido, Ritter se dispunha a “tirar a Geografia do estágio meramente taxonômico e descritivo em que se encontrava para elevá-la à condição de ciência, isto é, um saber orientado na teoria e na explicação metódica” (MOREIRA, 2010, p. 15).

Influência primeira de Élisée Reclus, Ritter utiliza Humboldt como respaldo metodológico para consolidar a sua Geografia Regional, visando privilegiar este novo parâmetro metodológico para pensar uma relação do homem com a natureza e, por fim, fincar a Geografia no rol das ciências modernas. É neste período que se inicia uma das fortes dicotomias que rodeia até hoje o pensamento geográfico: trata-se, aqui, da separação entre a Geografia Humana e a Geografia Física. A Geografia Regional foi importante para reanimar a Geografia neste período por ser, a região, um recorte

espacial positivo para estudar (de forma integrada) fenômenos diversos que se manifestam no espaço geográfico. A respeito deste contexto histórico, Leal (2010) afirma que:

Desta forma, a Geografia garantia seu status de 'ciência do singular' e a perspectiva corológica tornava-se o método ideal para tal finalidade, pois dava unidade à diversidade dos fenômenos estudados pela Geografia. Assim, a esta ciência caberia o papel de localizar, definir, descrever e comparar lugares, abarcando fenômenos de origens distintas (p. 28-29).

E Kant, cujo desenvolvimento intelectual influenciou as matrizes de pensamento dos outros dois geógrafos, inaugurou a chamada Geografia Moderna, desenvolvendo não mais um estudo da superfície terrestre, mas sim do espaço geográfico. A filosofia kantiana é, ainda hoje, o pilar da Geografia, do estatuto desta enquanto uma ciência. E a consolidação de seu pensamento na ciência geográfica teve como vetor de saída as suas análises sobre o tempo e o espaço.

Kant estabelece na Geografia um vínculo ímpar entre a natureza e o homem. A natureza torna-se um tratado da Geografia, na medida em que se orienta a partir do campo empírico e o homem, por sua vez, passa a ser responsabilidade da Antropologia. O espaço kantiano é um espaço geométrico, dado numa distribuição metrificada *a priori*, percebida pelo homem e concebida por ele através de sua materialidade. Todos os fenômenos se dão no tempo e no espaço, capazes de darem sentido às possibilidades espaciais – o tempo ordenando os sentidos internos e o espaço dando ordem aos sentidos externos (MOREIRA, 2007; 2010).

O espaço em Kant surge como uma *intuição pura* (assim como o tempo), um resgate do espaço newtoniano, aquele que funciona como receptáculo, abrigo para o mundo e os fenômenos. É uma extensão dissociável da experiência e de um dado empírico. O espaço também é uno e absoluto, mas também relativo. Afirma-se, portanto, que o espaço absoluto é a totalidade, a pré-condição de existência do mundo. Ele é fixo, infinito e imaterial, mas permite a fluidez em seu interior, numa sobreposição de espaços relativos. Kant, em *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*,

desenvolve um estudo acerca desses espaços relativos levando-os para o âmbito da Geografia.

A Geografia dos fundadores, conforme denominou Ruy Moreira (2010), é sucedida pela chamada Geografia Clássica. Este período, compreendido entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, irá tornar implícito o espaço (MOREIRA, 2007). A Geografia Clássica foi inaugurada pela escola francesa, protagonizada por Paul Vidal de La Blache, Élisée Reclus, Jean Brunhes e Max Sorre, mas que teve forte atuação das matrizes alemãs.

A Geografia Clássica: a legitimação da ciência geográfica

No pensamento de Vidal de La Blache, a Geografia se torna a ciência das regiões, mas não uma ciência apartada do homem. La Blache, em seus estudos iniciais, forma duas vertentes em seu pensamento: a Geografia Regional, formatada a partir da criação de um método regional, sistematizado em seu livro Quadro da geografia da França (*Tableau de la géographie de France*); e a Geografia da Civilização, trabalhado no livro Princípios da geografia humana (*Principes de géographie humaine*). La Blache pensa uma ontologia ao aprimorar a concepção da *contingência*. A existência humana é condicionada através das suas práticas de adaptação ao meio em que vive, pois ele “é, ao mesmo tempo, ativo e passivo na relação com a natureza” (BITETI, 2007, p. 117).

Esta interação do homem com a natureza surge de sua necessidade em dominar técnicas, construir vínculos, instituir valores e costumes, tudo isso para emoldurar a sua comodidade e facilitar a utilização dos recursos que a natureza lhe oferece. É daí que surge o conceito *gêneros de vida* para entender como uma população consegue suprir as suas necessidades adaptando-se aos lugares por onde passa. Esta capacidade de adaptação pode gerar um equilíbrio, a partir da construção de normas sociais capazes de construir um ideal de vida, uma normatização social. O pensamento vidaliano foi enfático ao criticar Ratzel e sua geografia tendendo sempre ao reducionismo do

homem. Mas o próprio La Blache não soube reconhecer a verdadeira relação existente entre o homem e a natureza., conforme lembra Moraes (2007).

Em meio aos estudos de Reclus, surgiu um intenso e profundo debate sobre os rumos da Geografia, a partir de suas contestações dirigidas ao pensamento vidaliano. Élisée Reclus, geógrafo francês, tentou superar os constrangimentos da academia que, a todo o momento, pretendeu negligenciar o seu trabalho reduzindo-o e condenando-o ao esquecimento (GIBLIN, 1981a). Reclus escreveu uma trilogia, composta primeiro por um tratado de Geografia Física, com o livro *La Terre, Description des phénomènes de la vie du globe*, publicado em dois volumes; uma enciclopédia geográfica, em sua conhecida obra *Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les Hommes*; e uma história universal, denominada *L'Homme et la Terre*, publicada em seis volumes, considerada pelos críticos como a sua mais bem sucedida obra.

Reclus desenvolve uma Geografia Política fortemente influenciada por suas motivações políticas, por sua militância enquanto anarquista. Sempre aliou a Geografia às suas concepções políticas. Justamente por ser Reclus um geógrafo preocupado em desenvolver uma Geografia ligada às suas práticas políticas, a “conspiração silenciosa”, como alertou Béatrice Giblin (1976), deu ao geógrafo francês décadas de esquecimento e a sombra do pensamento vidaliano como lugar merecido.

Esta dita conspiração chegou ao Brasil, sob a euforia do chamado movimento de renovação da Geografia. Em meio à preocupação em superar a crise epistemológica da ciência geográfica, Reclus foi visto por determinados geógrafos brasileiros como um pensador pouco relevante, sem grandes formulações e com obras “que foram pouco revolucionárias em termos de método e de propostas” (MORAES, 2007, p. 81).

Graças aos esforços recentes de alguns geógrafos, principalmente Yves Lacoste e Béatrice Giblin em edições especiais da revista *Heródote*, Élisée Reclus passou a ser incorporado em diversos estudos geográficos, por ter em seu interior conteúdos inteiramente renovadores. Basta olharmos a sua Geografia Social para constataremos que Reclus antecipou conceitos e teorias que hoje fazem parte da teoria social brasileira (MOREIRA, 2010).

Retomando Antonio Carlos Robert Moraes, em *Geografia: pequena História crítica*, podemos tomar como ponto de partida, para falarmos de Jean Brunhes, a seguinte sentença:

Vidal fundou a corrente que se tornou majoritária no pensamento geográfico. Pode-se dizer que, após suas formulações, o núcleo central dessa disciplina estava constituído. Sua influência nos geógrafos posteriores foi múltipla, seus discípulos diretos foram numerosos. La Blache criou uma doutrina, o Possibilismo, e fundou a escola francesa de Geografia. E, mais, trouxe para a França o eixo de discussão geográfica, situação que se manteve durante todo o primeiro quartel do século atual (2007, p. 85).

Jean Brunhes também antecipa conceitos e teorias em *Geografia humana*, publicada em três volumes (MOREIRA, 2010). Paul Vidal de La Blache foi, sem dúvida, um grande articulador e criador de uma “escola” francesa de Geografia. O pensamento vidaliano surge como uma referência enquanto matriz geográfica para outras matrizes, inclusive a de Jean Brunhes.

A morada do homem é a superfície terrestre, formada por duas zonas distintas: zona inferior, a atmosfera; e zona superior, a crosta terrestre. É na zona superior que o homem espacializa, num movimento dialético de reconhecimento dos fatos naturais e de sua subordinação a eles. As possibilidades terrestres se dão, segundo Brunhes, a partir das chamadas forças geradoras: o Sol e a Terra. Localizar-se significa transpor a existência num determinado lugar, emanando necessidades e traçando vínculos num determinado ponto fixo e em determinadas relações de fluxos.

Outro geógrafo também fundamental na Geografia Clássica é Max Sorre, que afirmava ser o homem objeto da geografia humana. A descrição da Terra pelo geógrafo levava em consideração três geografias distintas: a geografia física, a geografia biológica e a geografia humana. Esta última, em sua visão, precisava reconhecer a complexidade ontológica para identificar a sua unidade. Não somente a unidade espacial, mas a unidade humana, que abarca em seu interior todas as suas contradições. Portanto, temos em Sorre um esforço de se pensar meios físicos não mais separados dos meios sociais. Isso porque já vinha de uma herança lablacheana

de pensar o homem nas suas múltiplas possibilidades ontológicas em seu mundo circundante. Acerca do pensamento de Sorre, Biteti (2007) destaca que...

Os homens aparecem como dotados de quatro traços que representam, segundo Sorre, a trama do nosso ser, são eles: a plasticidade (vista num sentido de adaptação e potência de expansão), o desenvolvimento mental, a mobilidade e a sociabilidade. Essa condição humana irá refletir-se no modo de ocupação e delimitação do espaço dos homens. Este que tem, mediante estes seus traços constitutivos, a capacidade de eleger as possibilidades oferecidas pela natureza (p. 120).

As experiências acadêmicas acumuladas pelo geógrafo foram incorporadas em suas incursões teórico-conceituais. Sorre resguardou os avanços feitos pelos geógrafos anteriores, mas iniciou uma postura própria, quando escreve *Os fundamentos da geografia humana*, a sua principal obra, publicada em três volumes. De acordo com Moreira (2010), Sorre foi o geógrafo que soube elencar em seus trabalhos os conceitos até então trabalhados, “como ecúmeno, *habitat*, sítio, posição, princípios geográficos, localização, distribuição (...)” (p. 32). Essa característica em Sorre possui alicerce em sua concepção de espaço. O todo é representado pelo espaço, categoria que compreende as partes ou os lugares. Deste modo, o geógrafo pensa o espaço como uma categoria privilegiada, pois, fragmentada, é capaz de ser apreendida e descrita.

Os lugares ou as partes de um todo são o resultado de um método utilizado também por Sorre para melhor localizar os fenômenos, observá-los, descrevê-los e, por fim, compará-los com outros lugares e com suas particularidades. A descrição, deste modo, se tornava um método da Geografia desenvolvida por Max Sorre. Uma geografia amparada pelo postulado cartesiano, num jogo analítico dos lugares fragmentados e bem cartografados, dentro de um espaço geodésico, “o espaço das localizações, da geometria de Descartes e Euclides, ou seja, o espaço do plano cartesiano” (LEAL, 2010, p. 34).

Considerações finais

Neste artigo, procuramos fazer uma leitura sobre as principais matrizes do pensamento geográfico no período em que a Geografia estava na fase de sua institucionalização. Desse modo, tivemos como objetivo trazer para o debate os principais pensadores da ciência geográfica, juntamente com os seus apontamentos conceituais e teórico-metodológicos, para entendermos como tudo isso fez a Geografia se tornar ciência (da época moderna). Reconhecemos as múltiplas limitações atribuídas a este trabalho, principalmente pela impossibilidade de sistematização completa de todo o pensamento geográfico dos grandes clássicos. No entanto, o nosso objetivo maior foi tentar juntar esforços para a construção permanente de uma análise da história do pensamento geográfico.

Ao longo da análise, vimos que os primeiros geógrafos puderam desenvolver os seus estudos a partir de referenciais teóricos e metodológicos sob a escala regional. A Geografia surgiu como a ciência dos lugares, aquela cujo eixo central de investigação calcou-se sob os meandros de uma determinada escala que favorecesse a análise dos múltiplos fenômenos de um determinado lugar. Pudemos, dessa maneira, detectar a enorme influência dos postulados cartesianos e de suas ponderações acerca do espaço, ou seja, a tomada das formulações da Física Clássica e da Matemática, principalmente da Geometria Euclidiana, pelos geógrafos clássicos. Também vimos como a criação dos conceitos foi importante para a Geografia, que estava em seu início e que deles precisou para conquistar um espaço no cenário estreito das ciências já consolidadas.

Homem e espaço como unidade ou o espaço geográfico como categoria dialética e dialetizante não foram ideias muito aproveitadas pelos primeiros geógrafos. Os preceitos filosóficos adotados pela Geografia Moderna e, posteriormente, pela Geografia Clássica foram herdados do positivismo. Isso quer dizer que houve uma negação a uma Geografia ancorada na dialética, mas não somente isto.

A Geografia poderia ter tomado rumos diferentes, se tornando a ciência dos homens, pensando a sociedade como um elemento não apartado do espaço. Somente com os esforços de geógrafos seguintes é que a Geografia se propôs a repensar em seu estatuto. Em Jean Tricart, por exemplo, quando pensou uma geomorfologia inteiramente dialetizante; ou, no campo fenomenológico, quando parte dos geógrafos começaram a conhecer os trabalhos de uma filosofia renovadora, que se estabelecia como porta-voz ou como alternativa à crise da Filosofia como um todo, denunciando o esquecimento total do ser (pode-se falar, aqui, do geógrafo francês Eric Dardel, que no século XX resgatou a filosofia desenvolvida pelo alemão Martin Heidegger para desenvolver a sua Geografia).

Referências

BITETI, Mariane de Oliveira. **Uma reflexão sobre o tema da ontologia na Geografia**. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2007.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. 406p.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço geográfico: algumas considerações. In: SANTOS, Milton. **Novos rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1988, p. 25-34.

GIBLIN, Béatrice. Géographie et anarchie: Élisée Reclus. **Heródote**, Paris, nº 2, 1976, p. 30-49.

_____. Élisée Reclus, 1830-1905. **Heródote**, Paris, nº 22, 1981a, p. 8.

LEAL, F. M. **Coordenadas geográficas: ser-no-mundo**. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

MORAES, Antonio Carlos R. **A gênese da Geografia Moderna**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152 p.

MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton. **Novos rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1988, p. 35-49.

_____. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007. 188 p.

_____. **O Pensamento Geográfico Brasileiro: as matrizes clássicas originárias**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2010. 190 p.

SANTOS, Milton. Novos rumos para a geografia brasileira. In: SANTOS, Milton. **Novos rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1988, p. 209-219.